

Maria Carlota Rosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

UM EXEMPLO DE DESCRIÇÃO PEDAGÓGICA NO SÉCULO XVIII:
A TRADIÇÃO JESUÍTICA DE ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA E
*O SPECIMEN LINGUAE BRASILIICAE VULGARIS*¹

0. INTRODUÇÃO

O *Specimen Linguae Brasiliicæ Vulgaris* foi escrito pelo Fe. Anselmo Eckarti (ou Anselm von Eckart) na segunda metade do século XVIII. Com a pretensão de ser apenas um *specimen*, o estudo de Eckart testemunha a *Lingua Brasiliicæ geræli*, mas o faz dentro do modelo discursivo jesuítico. O contexto de seu autor com a *Lingua Geræli* (LG) se dá na Aldeia de Alacaxis, Vila-Província do Maranhão, atual Itacostiara (AM), então faixa territorial demarcada como área de influência da Companhia de Jesus². Eckart aí viveu de 1759 até a expulsão da Ordem dos jesuítas portugueses, em 1762.

Este trabalho³ pretende demonstrar que, enquanto estudo gramatical, o *Specimen* é representativo da tradição no ensino de segunda língua iniciada pelos irmãos William e John Esthe, ou Guilherme e João Esteus, auxiliados por um terceiro monge Tertino, de nome Estêvão, cuja obra, a *Novas Linguarum*, fora escrita cerca de século e meio antes e que teve em Portugal, como seu maior representante, o Fe. Amaro de Reboredo.

1. PAINEL HISTÓRICO

A *Societas Jesu* ou Companhia de Jesus foi fundada em 1534, em Bragança, por Inácio de Loyola e mais nove companheiros de sacerdócio. Em 1750 foi

¹ Este texto tem origem no trabalho final apresentado no curso sobre História da Linguística (UFPA/Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Linguística), ministrado pela Prof. Bruna Franchetto no primeiro semestre de 1991. Gostaria de agradecer a Miguel Barbosa do Rosario (UFPA) a revisão das traduções e a elucidação de trechos latinos obscuros. Este trabalho foi possibilitado por bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq no. 20.2002/89.6.

² Por Carta régia de 19 de março de 1693 era "distribuída a região ao sul do Maranhão, e, por este rio acima, para o sertão, seu limite fixado" (Alvesda 1910-29: III,212). Existem, no entanto, menções a outras Ordens atuando nessa área após a Carta, como, por exemplo, a dos Carmelitas (Dias 1983).

expulsa de Portugal e seus domínios, incidente que marcou o início do processo que culminaria com a supressão da Ordem por Clemente XIV em 1773.

A Companhia de Jesus enfatizou, desde início, as atividades pedagógicas. No que concerne às Humanidades e, mais especificamente, ao ensino/aprendizado de línguas, as *Constituições*, parte IV, escritas pelo próprio Sto. Inácio e em vigor desde 1552, traçaram diretrizes claras: para pregar com eficácia há necessidade de conhecer bem a língua do povo ('Sto. deant ad id manus obsequium linguam populo vernaculam bene addiscere' [‘A fim de bem cumprir essa missão, que se esforcem para aprender a língua vernácula com o povo.’]) (Apud Franco 1952: 51n). As Regras Comuns voltavam à mesma tarefa: 'Singuli addiscant ejus regionis linguam in qua resident, nisi forte ipsorum native illic esset utilior' (Apud Franco 1952:51n) [‘Aprenda cada um a língua daquela região em que reside, a não ser que a nativa fosse aí mais útil’]. Conseqüência prática destes postulados foi o desenvolvimento de uma importante obra gramatical, voltada, de início, para línguas européias mas, logo a seguir, para línguas desconhecidas que os Descobrimentos revelavam. Estas descrições de carácter eminentemente pedagógico não tinham nos suportes sua fonte de dados, mas se interessavam essencialmente em exemplificar estruturas linguísticas. Surgem, assim, descrições para estrangeiros sobre línguas brasileiras, sobre o guarani, línguas mexicanas, chinesa, de Angola, do Japão, malabar, para serem citadas apenas alguns exemplos^[2]. Juntavam-se às descrições, para a propagação da

²Alguns exemplos:

1. Anchieta, José de. 1595. *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*.
 2. Figueira, Luis. [1627?]. *Arte da língua brasileira*. Lisboa: Manuel de S. Menescal.
 3. Mexiani, L. Vicencio. 1699. *Arte da gramática da língua brasileira da nação kariri*. Lisboa: Miguel Deslandes.
 4. Dias, Pero. 1697. *Arte da língua de Angola*. Lisboa: Miguel Deslandes.
 5. Molina, Alonso de. 1571. *Arte de la lengua mexicana y castellana*. Mexico: Pedro Ochante.
 6. Montoya, Ruiz de. 1640. *Arte, vocabulario, tesoro y caracterismo de la lengua guarani*.
 7. Henriques, Henrique. 1548. *Arte da língua malabar*.
 8. Rodrigues, João. 1620. *Arte breve da língua Japoa*. Macau: Colégio da Madre de Deus da Cia de Jesus.
- Juntam-se-lhes os vocabulários, alguns deles, manuscritos (como os vocabulários

Fé, os vocabulários e os catecismos.

A pedagogia jesuítica para o ensino de segunda língua atinge seu ponto culminante com a *Janua Linguarum* (literalmente, 'porta de entrada para as línguas'). A *Janua* colocaria os Jesuítas na vanguarda do ensino de línguas estrangeiras³⁾, sendo criada e versada para línguas diversas, e chegaria a influenciar decisivamente um seguimento da Reforma Protestante, Comenius, que dela adotaria, em 1631, o título para a sua *Janua Linguarum reserata sive Seminarium linguarum et scientiarum omnium*, bem como o método de ensino⁴⁾ (Palley 1968). Seria, ainda, uma das influências para o desenvolvimento de vocabulários bilíngues, como vai em maior número a partir de então.

Como meio para levar a cabo a evangelização, o aprendizado da língua das populações a converter não era, necessariamente, o único solução. Os Jesuítas poderiam, hipoteticamente, ao menos, ter optado por qualquer de dois outros caminhos. Um deles seria a utilização de línguas ('intérpretes') não pertencentes à Companhia como mediadores da pregação. Embora haja referências esporádicas a eles nos primeiros relatos dos religiosos⁵⁾, em especial a brônzes difíceis ou judias enviadas pela Companhia para esse fim (cf. Leite 1954), não foi esta a solução definitiva. A segunda possibilidade

sino-portugueses dos P. Fr. Ricci e Ruggieri Macau, 1585), ou impresso (como o vocabulário da língua de Japão (Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, Colégio de Japão da Companhia de Jesus, Nagasaki, 1607). Existe apenas notícia do que teria sido 'talvez o alfabeto ... para Japoneses, e uma lista de caracteres chineses' (Teixeira 1986:5), o *Abecedário Latino* (Macau 1585), do Pe. Alessandro Valignano.

³⁾ Neste trabalho utilizei indistintamente os termos língua segunda e língua estrangeira.

⁴⁾ Soares ([1985]: 12): "Com cerca de 6000 palavras, escolhidas entre as mais usadas, construiu 1000 frases, a princípio breves, mas que se vão tornando mais longas. Coarctio quer que a compreensão do sentido das palavras e a expressão verbal estejam estreitamente ligadas ao conhecimento dos factos e dos objectos, e que as palavras sejam empregadas na sua significação própria e natural."

⁵⁾ Segundo Anchieta, um dos línguas que presta auxílio aos Jesuítas na doutrinação dos índios ainda no ano de 1549 _ ano da chegada dos Jesuítas ao Brasil _ é Pedro Correia (In Abreu, ed. 1956: 14), que, antes de conhecer o Pe. Leonardo Nunes e tornar-se irmão na Ordem, vivia de saltar e tomar índios escravos (Cabral s.d.: 90).

seria a pregação na própria língua do missionário, ou mesmo em latim. Esta solução por vezes decorreu da relutância, por parte de alguns religiosos, em traduzir a Bíblia para uma língua julgada "inferior". Os Franciscanos, por exemplo, primeiros religiosos a chegar ao Brasil, leram em português o Evangelho para os índios, porque, segundo eles, "a palavra de Deus e, como tal, tinha a virtude de agir sobre os indivíduos"⁶. Esta não foi a solução jesuítica, embora, por vezes, em decorrência da desatendimento com as línguas, tal possa ter acontecido⁷.

Se, em termos de ação missionária, o aprendizado da língua dos gentios era uma opção, as descrições que serviriam de base a esse aprendizado teriam forçosamente de exemplificar o discurso técnico. Na classificação tripartite proposta por Sexto Empírico (séc. II-III d. C.) para o discurso gramatical tradicional, o discurso técnico é aquele que tem por objetivo os elementos e "partes do discurso e ortografia [...] e assuntos relacionados" (Apud Assler 1987: 18). O *discurso técnico*, sob a forma de arte, parece ter sido a única hipótese possível para o estudo dessas línguas. Não há autores que representem o ideal linguístico. Ao contrário, pelo menos no caso específico do Brasil, os informantes foram os habitantes das missões, em especial as crianças (Almeida 1910-28: II, 260). Desse modo eram evitadas as armadilhas de algum tipo de *foreigner talk* em uso

⁶Abreu, ed. (1886: 12): "Os primeiros religiosos que vieram ao Brasil foram da ordem de S. Francisco, os quaes aportaram a Porto Seguro não muito depois da povoação daquela capitania, e fixaram sua habitação com zelo da conversão do gentio, e, ainda que não sabiam sua língua, de um delles se diz que lhe lia o Evangelho e, como lhe dissessem os Portuguezes que para que lho lia pois o não entendiam? respondia: Palavra de Deus é ella, tem virtude para obrar nelles."

⁷Don todo el sacramento del baptismo tienen tanta fuerza que a todo tiempo ayuda, porque me aconteció algunas vezes, por los errores que llevaba por lenguas seran vagarosos mucho, como es su costumbre, en el hablar y frios, hablarles en portugués, sin ellos entenderen cosa alguna, con sólo saberen que aquello devia de ser sobre su mal bixir, se paravan muy vergonzosos e, sin me resistiren ni responderen, les decía: vámonos, tomandolos por la mano y ivanse para casa conmigo" (Carta do Pe. Luís da Grã a Inácio de Loyola - Bahia, 27.12.1554 - In Leite, ed. 1954: II, 136)

pelos falantes nativos adultos quando em intercursos com estrangeiros⁸.
Sone-se a isso que muitas dessas línguas eram ágrafas. Colocou-se fora de
questão, portanto, o *discurso exagético*, ou seja, aquele que avalia a lin-
guagem literária de diferentes autores, esclarece passagens obscuras nos
textos antigos e determina se a autoria de uma obra é atribuída corretar-
mente (*id. et ibid.*). A etimologia, recurso discursivo por excelência neste
caso, está ausente dos estudos jesuíticos aqui em pauta. Por outro lado, na
medida em que seus falantes eram pagãos e, mais do que isso, não contavam
com pensamento ou cultura prestigiados pelos europeus⁹, o *discurso histó-*
rico, "aquele no qual é dada instrução [...] sobre personagens, lugares,
fições ou lendas divinos, humanos e heróicos" (*id. et ibid.*), também não
era exequível.

Em ponto extra pedagógico, as gramáticas jesuíticas tiveram um
público-alvo os padres e irmãos participantes da obra missionária, para
quem essas línguas não eram nativas (Lalite 1992: 194). A necessidade de um
aprendizado rápido e eficaz encontrou uma solução em Salamanca. Embora
inovadora para a época, foi uma solução representativa de visões ortodoxas
centristas de aprendizagem: com base na memória e na imitação. (V. Foley 1971:
117).

2. A FOITA PARA TODAS AS LÍNGUAS

2.1 A *Janua*

Publicada pela primeira vez em 1611, a *Janua linguarum, sive modus*

⁸Um registro conhecido dessas "anecdótas" diz respeito ao Motu: ao chegar à zona de Fort Moresby (Papua-Nova Guiné), o primeiro missionário cristão para lá enviado começou a aprender, sem perda de tempo, o que pensava ser o Motu "real". Só mais tarde descobriria que aprendera uma variedade utilizada somente na comunicação com os estrangeiros e que seu filho, brincando com outras crianças, aprendera a língua da comunidade. (Foley 1988: 164).

⁹Este quadro é mais aplicável às Índias Ocidentais. Na China, por exemplo, a situação era bem outra: "os missionários aprendiam a língua e a cultura chinesas, os diáconos, os filiações [...]" (Ramos 1988: 42).

maxime accommodatus, quo patefit aditus ad omnes linguas intelligendas foi escrita por um grupo de Jesuítas irlandeses refugiados em Salamanca, em virtude das perseguições movidas no reinado de Elizabeth I. O catálogo do British Museum atribui a autoria da obra, porém, a William Batho apenas.

Como método, a *Janua jesuítica* visava, inicialmente ao ensino do latim, mas logo teve seu âmbito de atuação ampliado para as línguas vernáculas europeias e, a seguir, para as línguas "exóticas" que a Companhia começava a encontrar. Esta vantagem adicional foi amplamente alardeada nas diferentes adaptações da obra, espalhadas por diversos países da Europa ao longo do século XVII.

Em Portugal, o representante do método, Fe. Amaro de Reboredo, autor de *Methodo grammatical para todas as línguas* (Lisboa: Pedro Craesbeck, 1619) e da *Porta das línguas* (Lisboa: Pedro Craesbeck, 1623), faz eco dos benefícios proporcionados pelo método. Na *Porta das línguas*, Reboredo recomendava o método para os missionários (Reboredo 1623:1):

nenhã medicina havia tam saudavel, para sázar tantas feridas dadas aos que aprendem as línguas estrangeiras, como a entrada por esta porta: e que das commodidades, que se lhes seguirão, será patente. Porque esto principalmente convirá aos varões Apostolicos, que nas terras dos Gentios se occupão em senear a Fé para aprender as barbaras e peregrinas línguas

As maravilhas do método, Reboredo (1620: 18) as exemplifica com o testemunho de um missionário "de nação Francês da Companhia de Jesus na Provincia de Veneca", que "para grande commodidade, e proveito dos Indios Orientaes, e Occidentaes (para os quaes se havia de partir)" pôde aprender com rapidez a(s) língua(s) de que se utilizaria na região para a qual fora designado.

2.2. Resumo do Método

Pode-se descrever a proposta de Salamanca como um conjunto de sentenças (1141 nesta primeira versão) que abarcava um número considerável de

verboles da língua latina, neste caso, a língua-alvo. Tais sentenças tinham suas correspondentes na língua vernácula no péginho ao lado, para confronto; neste primeira versão, o caminho de acesso ao latim era o espanhol. Pela memorização das "sentenças com suas explicações" (Florencia 1623:29), os alunos adquiririam mais facilmente e com muito maior rapidez do que com os demais métodos então em uso não somente o vocabulário, mas também o modo de construção da frase.

Rapidamente novas versões surgiram pela Europa, e o conjunto de línguas postas em confronto tornou-se variado. Quatro línguas diferentes podiam ser comparadas¹⁰, mantendo-se sempre o pré-requisito de que delas ser a língua-fonte, i.e. a língua do aprendiz, ou, pelo menos, uma língua que este dominasse. O resultado, segundo Salcedo, é que a frase "interpretada palavra por palavra, he Materna, & dessa tal língua" (Florencia 1618: 14^v).

2.3 Algumas concepções teóricas

2.3.1.0 estudo de uma língua compreenderia quatro partes: gramática ou concordância, copia de palavras, frase e elegância. A versão de Florencia junta estas duas últimas, uma vez que, segundo ele, "a elegância [...] he um accidente da Frase" (1619: 14^v). A frase responde pelo modo de expressão particular de cada língua; a concordância, pelas relações das palavras entre si. Pela copia ('abundância') são abarcadas as frases e suas traduções, que deveriam, memorizadas, fornecer ao aprendiz uma quantidade de vocabulário suficiente para o uso eficaz da língua-alvo, bem como a ordenação relativa a cada língua:

¹⁰ Padley (1985: 340) dá como exemplo a obra de Kaspar Scioppius, o *Mercurius quadrilinguis* (Padua, 1637), voltada para as três línguas sacras, isto é, o grego, o latim e o hebraico, a que se somava o italiano. Gomes ([1985]: 12n) cita uma edição de 1629 que incluía 8 línguas; contudo, não dá mais detalhes sobre ela.

E tem hã excellencia, que per razão dos significados, de qualquer língua, em que seião traducidas, & lã sabidas, se colhe per elles copia para a entender, ainda que na tal lingua se não ordenem, assi como stão ordenadas na Latina
(Reberedo: 1919: b4^v).

Reberedo inclui, neste ponto, um artifício didático: números escritos sobre as palavras nas duas línguas não só facilitam a tradução das palavras da língua desconhecida, bem como assinalam diferentes ordenações de elementos.

Para Bathe (Padley 1995: 341), as "deficiências na concordância" respondiam pela possibilidade de as línguas vernáculas serem aprendidas sem gramática. Disto resultava que o aprendizado da língua não se deveria dar pela memorização de regras gramaticais, mas pela memorização das frases dessa(s) língua(s). Segundo Bathe (*Apud* Padley 1995: 341 - ênfase no original), todos os preceitos

which are set out in grammars as rules can also be taught aptly in sentences, so that they impress themselves on the mind with greater facility ... than could be achieved by grammatical rules alone ... especially in the case of modern languages which do not require a scientific knowledge of what appertains to grammatical method.

[que não expostos em gramáticas por meio de regras podem também ser ensinados com propriedade em sentenças, de modo que elas próprias fiquem impressas na mente com maior facilidade ... do que se poderia conseguir somente através de regras gramaticais ... especialmente no caso das línguas modernas, que não requerem conhecimento científico de que pertence ao método gramatical.]

Esta "deficiência" das línguas vernáculas face ao latim é um tópico comum, então: o latim veiculava o saber; as línguas vernáculas — ao contrário do latim e do grego — não tinham "arte de sintaxe" (Padley 1995: 37), embora começassem, paulatinamente, a ser chamadas línguas e não mais *linguagens*⁽¹¹⁾. A obra gramatical jesuítica postulava, porém, que línguas sem tradição escrita podiam ter suas estruturas expostas em arte, e, até

¹¹Linguagens pode ser glossado como 'língua que se destinava apenas a ser falada' (Verdelho 1982: 81), sem ter, portanto, o estatuto do latim, do grego ou do hebraico.

mas, por 13. "aplicado" com o traço grego e a latina¹²).

2.3.2. Conhecer a língua e conhecer a gramática, nestas propostas, são as expressões equivalentes. Os domínios de que se trata são amplos e incluem este último:

De stas a latina reduzida a arte ha tanto ensino & não sempre a arte aperfeiçoada, podemos dizer que soubo Francisco Tardes. Primeiro mais Grammatica Latina em nossos tempos, que Claret, & Verião columnas da língua, nos seus, que lhe precederam 1843. annos. Elle mais Grammatica. & estes mais Latina. Porque a Grammatica depende da pronã, que a natureza vai pelo tempo descobrindo aos bons ingenhos, que sobre ella trabalham: & como a língua consta de Grammatica, Cópia, & Frase ... aquella alcançou mais Grammatica, & estes sabião mais Cópia, & Frase, com mais propriedade, porque com Materna língua a natureza das ouzinhos E a natural pronã legão, & sítio das palavras na o de de fellar, não o podia o Espanhol encontrar facilmente; porque com a latina se fellar em pronã algão: nem era nascido em Italia, cuja disposição em sítio, & particiãres influencias modificã a voz para tal pronãção.

Daqui resulta não se precisa contra de que se sabe, que só na Grammatica consiste a língua, & né, que ainda que se não Materna, torna a aprender, o que se deve que se sabe.
(Fevereiro 1818: 6)

A distinção de Keloredo é familiar aos estudos linguísticos do século XX: o conhecimento internalizado da língua que um falante nativo tem (representado na Cópia e na Frase) é inato ('das os berços') e diferencia a aquisição da língua materna da aprendizagem de uma língua fora do contexto natural, isto é, em situação de sala de aula. A explicitação desse conhecimento internalizado, no entanto, não é tarefa fácil, porque depende de bons ingenhos. Por seu turno, o conhecimento destas regras, escritas, e a aplicação ao estado, não torna o estudante um falante fluente.

2.3.3. Por trás deste método está a hipótese de que todas as línguas tem

¹²Anchieta (1585: 40): "[Os índios] Não têm escrita, nem caracteres nem sabem contar, nem têm dinheiro; comutacione rerum copram uns aos outros; e a língua é delicada, copiosa e elegante, tem muitas composições e sincopas, mais que os gregos [...]".

algo em comum, uma "gramática universal".

No *Methodo grammatical para todas as linguas*, obra que antecede em quatro anos sua *Arte e Arte* expõe os fundamentos. Robredo (1619: 3) afirma que, pela sua utilização, esta "arte [...] ficará universal". Tal universalidade, em que radica a possibilidade de o significado encontrar expressão em qualquer língua, tem para Robredo uma explicação mitológica, em última análise, em acordo com o Gênesis, mas, principalmente, em acordo com o pensamento medieval aristotélico de busca da *ratio*, ou causa da linguagem:

Havia hãa só lingua quando a razão era mais unida a qual como vínculo dos entendimentos, & artes importa ir ao menos per divisões descobrindo
(Robredo 1619: b4^v)

Podemos reconhecer aqui a continuidade do pensamento medieval: "a gramática é em essência e mesma para todas as linguas e [...] as diferenças aparentes existentes entre elas são simples variações acidentais" (Robins 1964: 60). As variações que tornam as linguas diferentes estão nos *accidentes*, não na *substância*:

O Mestre, que quiser meter em outras linguas o Discipulo, que aprende alguma per este Methodo, como na Italiana, Francesa, Grega, Hebraica, &c. *Ensine nella a declinar, & conjugar, ajuntado as irregularidades a hãa partes, as quizes dissimulará no principio. E em lugar dos exemplos Latinos, meta, como fica ditto, os da lingua que quer ensinar.*
(Robredo 1619: e2^v - ênfase minha)

As diferenças estão também nos modos particulares de construir a frase, que pode apresentar uma ordenação diferente da latina. A "porta" para todas as linguas, tal como a etimologia na Antiguidade, seria, pois, o desvendar da *ratio*.

2.3.4.A relação entre *significante* e *significado* (e aqui utilizo-me da

nomenclatura naturalista) era considerada "arbitrária": um significante pode ser substituído, por outro, de outra língua, e que pressupõe uma relação não natural. No entanto, tudo isso consistente das concepções naturalistas que o século XVIII veio surgir. A concepção de língua que emerge dessa época não difere muito de "conjunto de símbolos para conceitos universais", de uma "nomenclatura". Se a simples transcrição de uma língua a outra, palavra a palavra, é, ao mesmo tempo, a língua materna e a língua a ser aprendida, deixamos de lado os diferentes modos de representar o mundo, princípio organizador do léxico de cada língua particular. Cada significante estaria com exatidão o mesmo significado que seu correspondente em outra língua. O resultado desta concepção aristotélica é uma *gramática com base na palavra*. Toda a ênfase está nos diferentes nomes para os seres.

3. O *Specimen* de Eckart

O *Specimen* é um texto pequeno: conta apenas 19 páginas.

Não tendo conseguido localizar sua primeira edição, apesar de consultar e rastrear de diferentes bibliotecas, o exemplar do *Specimen* utilizado neste trabalho é uma das várias reedições de obras raras sobre línguas americanas que o naturalista e erudito alemão Julius Platzmann empreendeu a partir de 1874, junto com o famoso editor-livreiro de Leipzig, F. G. Teubner. Nesta edição não há qualquer prefácio ou nota dirigida ao leitor. Talvez porque não existissem na primeira edição; talvez por não mais existir a necessidade de se apregoaem as vantagens do método.

3.1. A pronúncia das letras

Através do texto a "pronúncia de certas letras", *C* e *X* são comparadas, respectivamente, ao *Z* e ao *Sch* do alemão; *Y*, ao *U* francês. *J*, porém, não tem um correspondente em línguas conhecidas, e "somente pode ser aprendido

pela audição". Eckart tenta, apesar disso, descrever como produzi-lo:

Tonus *J* solo auditu disci potest; rectè enim effertur, ac formatur, lingua fortiter feriendo dentes, ac si praecedentes, adiunctam sibi haberet consonantem *t*. [O ruído do *J* somente pode ser apreendido pela audição; de fato ele é produzido corretamente e formado com a língua tocando com força nos dentes como se a precedê-la tivesse juntado a si a consoante *t*].

A enumeração de sons difíceis continua: "As vogais que têm uma vírgula a si imposta (este *ã*) são expressas por um som intermediário entre *an* e *ahn*, de tal maneira que o *n* é percebido com dificuldade."; "Nle sozinho ou colocado no princípio da palavra é quase *ende*, mas é um tanto expresso pelas narinas, de tal maneira que *e* é ouvido com dificuldade."

3.2. A cópia, a frase e a gramática

A segunda parte está dividida em 26 itens. Em todos eles, Eckart apresenta, inicialmente, a frase em latim. É o latim, neste caso, a porta para a LG, porque é ele que o aprendiz conhece. Logo a seguir, e não mais na página ao lado, vem a tradução em LG e, em geral, uma explicação, que consiste na tradução literal da frase em LG para o latim. Deste modo, realça-se a diferença tipológica entre esta língua e o latim, mas, ao mesmo tempo, entre essa e a língua nativa do leitor. Basicamente, enfatiza-se a utilização de posposições em lugar de preposições.

- 1 2 3 4 5 6 1 3 2 6 5 4
- (1) 13. Lingua et dentes sunt in ore; *Apeidi, tanhahé jurúpé reodó.*
Explicatio est: lingua, dentes-et ore-in sunt. *Ejus dentes explicant per páha, quae vox voci germanicae *sahn* quasi respondent.*

Cada um dos 26 itens reúne, portanto, todas as partes do estudo da língua previstas na concepção salmanticense, como demonstra (1), acima: o vocabulário, as cópias de palavras, a frase, com a exposição das diferentes

ordenações das duas línguas, tornou-se mais evidente pela utilização de números subscritos, como propusera Bèthredé. A comparação dos exemplos fez evidente o emprego de periphrases, mas, à exceção das frases que em latim apresentam o verbo *esse*, as demais são OVO numa variante descrita. Por fim, algumas noções gramaticais.

As 29 frases contém, em conjunto, duas importantes noções de variabilidade de LG, embora, por vezes, Eckart assinale a inexistência, na LG, de correspondentes dos termos latinos.

1	2	3		1	3	2
15. <i>Filus est longus, et tenuis; Ané poci cemi.</i>						
TENNIS vox non occurrít, oués loci possi, MOLLIS,						
<i>ambécabé.</i>						
1	2	3		1	3	2
[O cabelo é long e fino; Ané poci cemi.						
A palavra TENNIS, 'fino', não ocorre em seu lugar						
coloquei MOLLIS 'fraco', <i>ambécabé.</i>]						

Os nomes estão organizados por grupos semânticos (religião, seres vivos, mund. físico, tempo). Pronomes, determinantes de nome, numerais e adjetivos também estão exemplificados. Diferentes formas do verbo são apresentadas, mas não têm sua conjugação explicada. Depende-se do significado da tradição latina e sua raiz pela apresentação de formas de primeira pessoa do presente do indicativo. Alguns advérbios e preposições completam o quadro gramatical.

4. CONCLUSÃO

Neste texto procurei demonstrar que o *Specimen* de Eckart, embora escrito no século XVIII, resulta de uma tradição pedagógica bem anterior. Por si só, tal fato deve ser representativo de o quanto a obra de Læthe deve ter influenciado o ensino de línguas estrangeiras. Embora tal proposta possa, por vezes, parecer ingênua aos olhos dos atuais professores de línguas estrangeiras, em especial, no que concerne à memorização de uma

grande massa de dados, é neste ponto, justamente que ela se assemelha a algumas propostas que nasceram do estruturalismo neste século XX. É interessante observar como, nascida de uma proposta teórica que pedia para a universalidade, ela teve pontos de contacto com outra, que jamais se interessou por tais semelhanças entre as línguas.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Cristiano, ed. 1986. Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta (1594-1695). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Almeida, Fortunato de. 1910-26. História da Igreja em Portugal. Nova ed. preparada e dirigida por D. Peres. Porto: Fortunale. 1957. 4v.
- Anderson, Mark. 1966. *Physiology and Grammatical Discourse in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins.
- Carvalho, Luiz Gonzaga, ed. *Jesuítas no Brasil (século XVI)*. São Paulo: Melhoramentos.
- Dias, Manuel Nogueira. 1946. Estratègia paulista de urbanização do espaço americano. In *Antunes, et alii*. 1955. *Como interpretar Portugal*. Lisboa & Porto: Estêrnia/A.I. 297-305.
- Eckart, Andreas. *Specimen Linguae Praeclarae Volgaris*. Leipzig: F. G. Schulze. 1800.
- Fernandes, António P. C. 1941. *Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Paulo*. São Paulo: rev. e sum. Porto Alegre: Globo.
- Ferreira, Luiz Ivans. 1979. *The Creole of São Tomé Island*. Witwatersrand University Press.
- Figueira, Luiz, s.d. [1922]. *Arte da língua brasileira*. Lisboa: Manuel da S. Mamede.
- Foley, William A. 1987. Language birth: the process of pidginization and creolization. In Newmeyer, F. ed. 1986. *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge, Gr. Brit.: The University Press. 4v. v.4. 162-83.
- Francis, Leonel. 1952. O método pedagógico dos Jesuítas: o "Ratio Studiorum". Rio de Janeiro: Agir.
- GOMES, Joaquim F. [1965]. Introdução. In CÔMENIO, João Amós. [1957]. *Pedagogia magna*. Intr., trad. e notas de J. F. Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1965].
- Leite, Serafim. 1964. *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil (1539-1558; 1558-1559)*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 2v.

- _____. 1962. Novas páginas de História do Brasil. Lisboa: Academia Portuguesa de História, v.7.
- Palley, G. A. 1966. Grammatical Theory in Western Europe, 1500-1700: Trends in Vernacular Grammar I. Cambridge: Gr. Brit.: The University Press.
- _____. 1966. Grammatical Theory in Western Europe, 1500-1700: Trends in Vernacular Grammar II. Cambridge: Gr. Brit.: The University Press.
- Paes, João de Deus. Os dicionários luso-sínicos: relevo histórico-bibliográfico. Revista de Cultura, Macau: Instituto Cultural de Macau, 6:42-7.
- Peledredo, Amaro de. 1819. Methodo Grammatical para todas as línguas. Lisboa: Pedro Craesbeck.
- _____. 1823. Porta das línguas [...]. Lisboa: Pedro Craesbeck.
- Polina, R. H. 1997. Pequena História de Linguística. Trad. de L. M. M. Barros. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.
- Rosa, Maria Carlota. 1960. The 16th and 17th centuries: Typo or "língua Geral"? The glossaries of Anchieta and Pigeoira. Rio de Janeiro: IUPERJ, mimeo.
- Silva, Beatriz Laste. 1965. O Padre Vitorino Alexandre Valignani, S.J. e o IV Centenário da Imprensa de Colatorem Múvel em Macau. Revista de Cultura, Macau: Instituto Cultural de Macau, 6:11-8.
- Suite du Serveil des Pieres concernant le Bannissement des Jesuites de toutes les Terres de la domination de Sa Majesté Catholique. s.l. s.d.
- Troxina, Manuel. 1910. O IV Centenário da Imprensa em Macau. Revista de Cultura, Macau: Instituto Cultural de Macau, 6:9-10.
- Vasconcellos, Carolina M. 1881. Julius Platmann e os seus trabalhos sobre as línguas asiáticas. Revista da Sociedade de Instrução do Porto. Porto: Sociedade de Instrução do Porto, 1:3-8.
- Varóhly, Tamas Gus S. 1969. An origin of grammatography and lexicography in the Portuguese. Scientia, B. de. D. Literatura e Linguística. Academia Universidade de Anápolis.
- Rio de Janeiro, maio de 1991
 Maria Carlota Acaraí P. Rosa
 IUPERJ/Faculdade de Letras
 Dept. de Linguística e Filologia
 Campus Universitário - 11a de Furdão
 Rio de Janeiro-93 - 21.940 - BRASIL